

A BAHIA DE VITORINO NEMÉSIO

MARIA HELENA NERY GARCEZ¹
(Universidade de São Paulo)

*Que triste foi o seu fado!
Antes fosse pra soldado,
Antes fosse pró Brasil...*
(Antônio Nobre)

*- Josèzinho foi para a Bahia.
Era a sua sorte... Acabou-se!*
(Vitorino Nemésio)

Você já foi à Bahia, meu bem ? Não? Então vá, diz um samba brasileiro.

Vitorino Nemésio foi. Desse encontro do poeta açoriano culto e estésico a mais não poder com a natureza e a gente do Recôncavo, resultou um Romanceiro bahiano, que o autor depois acabou por intitular *9 Romances da Bahia*, e que constitui uma obra prima da poesia de nosso século em língua portuguesa. Esse Romanceiro que é pura arte e não arte pura, publicado pela primeira vez em 1952, no livro *Nem Toda a Noite a Vida*, acabou, depois de um percurso claramente delineado por Fátima Freitas Morna nas Notas que acompanham sua excelente edição das *Obras Completas*² de Nemésio, por ser incluído pelo autor, junto com outros poemas relativos ao Rio de Janeiro e a Ouro Preto, nos *Poemas Brasileiros*, publicados em 1972.

¹ Agradeço de modo especial:

a **Dédézinha de pés em leque e de olhos como um pires**, pura encarnação da **Dâzinha** do *Romance de Xangô* e amiga de todas as horas

e

à **Profa. Dra. Maria Vicentina do Amaral Dick**, pelos precisos, generosos e entusiasmados esclarecimentos sobre topônimos, termos afro-brasileiros e ritos do candomblé.

² Nemésio, Vitorino. **Obras Completas**. Prefácio, organização e fixação de texto de Fátima Freitas Morna. 2 vols., Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1989.

Vitorino Nemésio foi à Bahia. Mas antes de dizermos o que lá viu, brevemente recapitulemos alguns olhares que a retrataram desde que ela veio à luz para o Velho Mundo no século XVI.

Nas conclusões de sua **Carta sobre o Achamento do Brasil**, vai dizendo Pero Vaz de Caminha:

Esta terra, Senhor,(...) de que nós deste porto houvemos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas por costa. Tem, ao longo do mar, nalgumas partes, grandes barreiras, delas vermelhas, delas brancas; e a terra por cima toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta, é tudo praia-palma, muito chã e muito formosa.

Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque, a estender olhos, não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito longa.

Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata (...). Porém a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados(...)

Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem(...). E, alguns parágrafos antes, já também à guisa de conclusão, havia dito: “Assim, Senhor, a inocência desta gente é tal que a de Adão não seria maior, quanto a vergonha.”³

Em suma e como já foi sobejamente observado, este Brasil ao qual se chegava pela costa da Bahia pareceu, ao seu primeiro cronista, o Paraíso terrestre.

O Adão inocente, porém, que Vaz de Caminha viu, já não pareceu exatamente tal ao olhar de Magalhães Gândavo que por aqui permaneceu alguns anos, na sexta década após este Brasil ter sido pela primeira vez posto por escrito. Embora o que cito a seguir não se aplique apenas à Bahia, aplica-se **também** à Bahia, que Gândavo com muita probabilidade conheceu diretamente, segundo Capistrano de Abreu.

Estes Indios sam de cor baça, e cabelo corredio; tem o rosto amassado, e algumas feições delle à maneira de Chins. Pela maior parte sam bem dispostos, rijos e de boa estatura; gente mui esforçada, e que estima pouco morrer, temerária na guerra, e de muito pouca consideraçam: sam desagradecidos em gran maneira, e mui deshumanos e crueis, inclinados a pelejar, e vingativos por extremo. Vivem todos mui descaçados sem terem outros pensamentos senam de comer, beber, e matar gente (...). Sam mui inconstantes e mudaveis: crêm de ligeiro tudo aquillo que lhes persuadem por dificultoso e impossivel que seja, e com qualquer dissuaçam facilmente o tornam logo a negar. Sam mui deshonestos e dados á sensualidade, e assi se entregam aos vicios como se nelles nam houvera razão de homens: ainda que todavia em seu ajuntamento os machos e femeas

³ **Carta de Pêro Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel Sobre o Achamento do Brasil.** Estudo introdutório e notas de Maria Paula Cactano e Neves Águas. Lisboa, Publicações Europa-América, s/d, ps. 96 e 97.

têm o devido resguardo, e nisto mostram ter alguma vergonha. (...) A lingua de que usam(...) carece de tres letras, convem a saber, nam se acha nella F, nem L, nem R, cousa digna despanto porque assi nam têm Fé, nem Lei, nem Rei, e desta maneira vivem desordenadamente sem terem alem disto conta, nem peso, nem medido.(...) Todos criam seus filhos viciosamente (...) ⁴.

Apesar de Gândavo já não ver o índio como o Adão anterior à queda, a Natureza desta Terra da Santa Cruz continua a parecer-lhe o Jardim do Éden:

Esta Província he à vista mui deliciosa e fresca em gram maneira: toda está vestida de mui alto e espesso arvoredo, regada com as águas de muitas e mui preciosas ribeiras de que abundantemente participa toda a terra, onde permanece sempre a verdura com aquella temperança da primavera que cà nos offerece Abril e Maio. E isto causa não haver là frios, nem ruinas de inverno que offendão as suas plantas, como cà offendem às nossas. Em fim que assi se houve a Natureza com todas as cousas desta Provincia, e de tal maneira se comedio na temperança dos ares, que nunca nella se sente frio nem quentura excessiva. ⁵

Em seu Prólogo, protesta o cronista contra o pouco caso que os portugueses fizeram sempre da mesma província, afirma que é mais do que tempo de para ela acordarem pois os estrangeiros já a descobriram e até tiveram de ser lançados fora pelas armas, declarando positivamente ser esse o principal motivo que o leva à empresa de ser o primeiro a escrever a sua História. Acrescenta ainda uma segunda intenção fundamental de sua escrita e de muito interesse para este trabalho: (Escreve)... especialmente pera que todos aquelles que nestes Reinos vivem em pobreza nam duvidem escolhe-la para seu emparo: porque a mesma terra he tal, e tam favoravel aos que a vão buscar, que a todos agazalha e convida com remedio por pobres e desemparrados que seirão. ⁶

Pero de Magalhães Gândavo não menciona o negro que já para aqui começara a ser trazido como escravo e, em sua obra, convida os portugueses mais necessitados à emigração.

Se o índio já não é o Adão inocente, a Terra ainda lhe parece o Paraíso e o Brasil vai auspiciosamente começando a constuir sua imagem de *páís do futuro*. Passemos, agora, a ver de modo breve o que literariamente disseram alguns dos que, ou por necessidade ou por conveniência, responderam sim ao convite para a emigração.

Não foi com o olhar auspicioso de Gândavo que o filho de portugueses abastados, o poeta Gregório de Matos (1623/33 - 1696), já nascido na cidade da

⁴ Gândavo, Pero de Magalhães - *História da Província Santa Cruz e Tratado da Terra do Brasil*. Introdução de Capistrano de Abreu. São Paulo, Editora Obelisco Ltda., 1964, p.54 e 57.

⁵ 2 Idem, ibidem. p.27-28.

⁶ Idem, ibidem, p.23.

Bahia de Todos os Santos no século XVII, viu esta Terra e sua gente. Aos *Caramurus da Bahia* dedica ele um soneto satírico, nos cultos moldes da clássica forma renascentista, em decassílabos predominantemente heróicos de cadência camoniana, em que rebaixa os *fidalgos desta terra*, assinalando-lhes a ascendência mestiça por ele vista como boçal:

Alarve sem razão, bruto sem fé, Sem mais leis que as do gosto, quando erra, De Paiaíá tornou-se em abaité.	Não sei onde acabou, ou em que guerra Só sei que deste Adão de Massapé Procedem os fidalgos desta terra. ⁷
--	---

O Adão inocente visto por Caminha é agora um Adão de Massapé. Se existe a possibilidade de que este nome em maiúscula fosse então um topônimo da Bahia, o que, salvo erro, parece ainda não estar provado, o indubitável é que está empregado primeiramente em seu sentido mais forte de solo escuro e de terras negras. O Adão baiano não é o homem branco a que nos habituaram as representações da cultura ocidental; ele foi feito de terra escura e a fidalguia que dele descende, os *Caramurus da Bahia*, obviamente são de massapé. A forma escolhida por Gregório de Matos - o soneto - e o metro solene de ressonância camoniana, principalmente nos quartetos, assinalam o distanciamento que o poeta barroco quer guardar com relação ao povo que o cerca. Ele é um branco de cultura européia e não tem nada a ver com os descendentes do sangue de tatu, / Cujo torpe idioma é Cobepá (soneto **Aos Mesmos Caramurus**).⁸

O que mais vê o olhar do *Boca do Inferno* na sua Bahia?

A cada canto um grande Conselheiro, que nos quer governar cabana e vinha: Não sabem governar sua cozinha, e querem governar o Mundo inteiro!	Muitos Mulatos desavergonhados, trazendo pelos pés aos Homens nobres; posta nas palmas toda a picardia.
Em cada porta um bem frequente Olheiro da vida do Vizinho e da Vizinha, pesquisa, escuta, espreita e esquadrinha para o levar à Praça e ao Terreiro.	Estupendas usuras nos mercados: Todos os que não furtam, muito pobres: Eis aqui a Cidade da Bahia. ⁹

⁷ Spina, Segismundo. *A Poesia de Gregório de Matos*. Introdução, Seleção Antológica e Comentários de Segismundo Spina. Prefácio de Haroldo de Campos. São Paulo, Edusp, 1995, p.181.

⁸ Idem, ibidem, p.185.

⁹ Hollanda, Sérgio Buarque de - *Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Colonial*. Por Sérgio Buarque de Hollanda. vol. I. Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional, 1953, p.80.

O olhar deste culto fruto da emigração, que é Gregório de Matos, é crítico, impiedoso, desamorado, zombador. Fica claro, ao lê-lo, que se a emigração é uma saída, ela é muito problemática. O povo que habita essa Bahia é *Canalha Infernal*, a Cidade é *vil*, também *suja e má*.¹⁰ O Paraíso virou Inferno e, o que é notável, muito rapidamente. Seria tal metamorfose um efeito da Cidade de moldes europeus que a colonização aqui implantou? Mas cabe também perguntar: o *Boca do Inferno* sentir-se-ia bem nalgum outro lugar? Também na Europa ele não se adaptou. Marcou-o a emigração com o desenraizamento do *estrangeiro e peregrino* de que, já bem antes de Fernando Pessoa, nos fala o *Gênesis* bíblico? Mas.... prossigamos.

Como agora não tratar do outro poeta barroco, fruto da emigração, que Vitorino Nemésio, em seu terceiro romance, o do **Mau-Olhado**, evocou e invocou? Também natural da Cidade da Bahia e filho de um capitão, é o contemporâneo de Gregório de Matos, Manuel Botelho de Oliveira (1636-1711). Como aquele, foi diplomado por Coimbra e nos deixou, entre muitas composições líricas, o gracioso poema **À Ilha de Maré**, que, para usar um inesquecível termo camoniano, é um *trasunto* reduzido¹¹ do Brasil. Eis como se expressa Botelho de Oliveira no epílogo de seu canto:

Esta Ilha de Maré, ou de alegria
Que é termo da Bahia,
Tem quase tudo quanto o Brasil todo,
Que de todo o Brasil é breve apodo;
E se algum tempo Citeréia a achara,
Por esta, sua Chipre desprezara,
Porém tem com Maria verdadeira
Outra Vênus melhor por padroeira.¹²

Este *trasunto/apodo* do Brasil, de patente semelhança com a **Ilha dos Amores** camoniana, ao contrário desta, não é mítico mas, por assim dizer, de **carne e osso**. De novo a Terra é vista como o Éden pela sua beleza e fertilidade quase quase milagrosa.¹³ A Ilha, nas *imagens vivas* que o olhar do Nemésio leitor nela viu, é Maré de Rosas, maré(s) viva(s), Maré de saúdaes, concha tosca e deslustrosa / Que dentro cria a pérola fermosa. Numa imagem muito barroca, audaz e belíssima, diz o desprezado autor deste belo poema que o açoriano soube ler: E na desigual ordem/ Consiste a fermosura na desordem. Não haverá reminiscências desta

¹⁰ Idem, ibidem, ps.96, 97 e 100.

¹¹ *Os Lusíadas*, canto X,79.

¹² Hollanda, S. B. de - op. cit.,p.145.

¹³ Nalguns momentos o poeta assinala *frutos da terra* que não são *do trabalho do homem*, isto é, puras dádivas divinas (Cfr. estrofes sobre os Ananases, a mangava e o Macujê, p. 141).

imagem de Botelho na desordem bem-amada que se encontra na Bahia de Vitorino Nemésio? E a **Ilha de Maré** é ainda Esmeralda(s) de Abril e (Ilha) de alegria.

Do homem que a habita e da cultura que nela construiu, diretamente Botelho não fala. Ao referir-se, porém, no epílogo de seu poema à *(Ilha) de alegria*, não estará nesta imagem significando a alegria do povo que a habita, além de com ela exprimir a exuberância de uma natureza em festa? Mas vamos, finalmente, à Bahia do poeta açoriano.

Depois de um **Intróito em Teco-Teco**, no qual *um poeta português* se diz aereamente transportado, Vitorino Nemésio encontra-se com e em a Bahia da segunda metade do século XX, ano de 1952. Para ele, ela já vem carregada de estórias populares e de lembranças de família. São estas estórias e lembranças que, fundidas agora às suas diretas experiências pessoais, irão cristalizar-se nos dois romances de abertura.

Convém termos presente o caráter épicamente lírico ou liricamente épico dos Romanceiros, mesmo quando não provenham da tradição oral e sejam fruto da inspiração e escrita de um poeta culto. Se contarmos com o **Intróito em Teco-Teco**, - um misto de prólogo descontraído e de proposição, teremos 10 romances ou, arrisquemos, 10 cantos entre líricos e épicos.

No primeiro, o **Romance do Lugre “Flor d’Angra”**, o eu-lírico desse homem branco, que visita uma Bahia já conhecida pelo ouvido e pelos sentimentos do ouvir, recupera uma estória de um profissional de emigração, a do Capitão do Flor d’Angra que Leva marçanos em flor/ Para Belém do Pará, mas vai arribar à Bahia. As redondilhas - metro muito próprio para um romance e principalmente para plasmar a dolorosa epopéia popular - contam a estória da exploração e do engano a que aqueles *marçanitos* emigrantes estiveram sujeitos. Pero de Magalhães Gândavo certamente não contava com isso ao fazer o seu convite. Também a essas Vinte flores que o Capitão do Flor d’Angra/ Carregou de boa fé, como diria Luís de Camões, não lhes sucedeu como cuidavam¹⁴. O épico é, muitas vezes, o domínio do imprevisto, do obstáculo que não se espera e que é preciso, ou pela força ou pelo engenho, superar. A emigração é épica desde o início da viagem e até desde antes. É desgarramento e risco. Pero de Magalhães Gândavo não podia prever o intermediário enganoso que se coloca entre a Pátria que com dor se deixa e a Terra de Promissão que ninguém sabe se alcança. Quem o haveria de imaginar? Há, nesse romance um olhar extremamente compadecido que chora Aquele que o ranho engolia/ (O lenço dera-lho a mãe)/ Morreu no mar alto. Agora/ Na volta da travessia/ (Que negras que as ondas vêm!)/ Lá foi pela borda fora/ Com o ferro do escovém. Entremeadas de cultas citações vem a história trágico-marítima do

¹⁴ *Os Lusíadas*, I,44.

emigrante marçano. Quem haveria de imaginar que ele iria pela borda fora/ Com o ferro do escovém ? Certamente, não lhe sucedeu como cuidava. A estória desde a infância ouvida é trágica e é épica.

O **Romance do Emigrante**¹⁵, que é o segundo, centra-se na figura de um familiar muito próximo e muito querido, o Tio, grafado com maiúscula : - Josèzinho foi para a Bahia./ Era a sua sorte... Acabou-se! Identificando sua voz com a do Tio, o eu poético recorda sua vinda na barca *Flor das Marés*, o choro da Mãe, a pobreza e morte do Pai, a infância e a nova cidade: Lá no varejo da Rampa/ Aquele moleque sou eu.

A imagem da desagregação pessoal produzida pelo corte com as raízes familiares e espaciais é belíssima e surpreendente: Todo eu em ti sou piolhos de oiro. Porém a invocação que se faz à Bahia: Ó Bahia piedosa./ Faz cafuné na minha cabeça! é extremamente afetiva e confiada. A Bahia é vista como uma Grande Mãe; mais, como uma Grande Mãe Preta.

No Brasil ainda é possível encontrar gente fazendeira que teve uma Mãe Preta, embora em condições já diferentes das dos tempos da escravidão. E todos aqueles que falam de sua Mãe Preta fazem-no com grande afeto. Às vezes, até, o carinho pela Mãe Preta chega a exceder o que sentem pela Mãe natural. A Mãe Preta é só ternura e bondade. Ao invocar uma Bahia piedosa a quem se roga o cafuné na cabeça, o ohar do eu poético está prenhe de afetividade, entrega e confiança nesta Mãe.

Supreendentemente, porém, poucos versos abaixo da invocação, vem um desmentido: Mentira... Não emigrei!/ O galeguito foi meu Tio. Tempera-se, desse modo, a afetividade, para que não perca sua força se se tornar excessiva. Tempera-se e surpreende-se o leitor que só agora, com a declaração desse verso fica a saber que o eu que está a falar é primeiramente o do Tio mas não apenas o do Tio, já que o de seu sobrinho poeta está fundido com o dele.

Outra evocação memorável deste romance é a da figura da *Avó* do eu poético. Numa inextricável fusão, nela encontram-se presentes o *Tio Josèzinho* que vem (provavelmente em visita) *à nossa ilha*, o eu poético desse sobrinho que é quem o leva, a própria ilha, tão redonda/ Que minha Avó a choraria/ Como se lágrima fosse... Nessa Avó está o choro da Mãe que lamenta a sorte de seu filho, que lamenta - Acabou-se! - a ruptura familiar, que chora sua ilha numa lágrima tão redonda como esse espaço geográfico e a pobreza que obriga seu povo a emigrar. Nessa figura estão as dores familiares, as saudades tantas vezes manifestadas, os problemas e as conversas de família. Toda uma situação

¹⁵ Nemésio, Vitorino - op. cit., p.463. As citações do Romanceliro serão sempre da edição mencionada, seguindo a ordem dos Romances anunciados no texto.

vivida por uma família durante tantos anos foi representada em breves e condensadas imagens .

A notável estrofe final é mais surpreendente ainda: o eu poético se dá conta que sua tarefa é a de resgatar em versos, na poesia, toda essa tragédia que, se é familiar, é também coletiva: E em verso eu cate o piolho de oiro/ Que de saudade se nutria!/ Faz cafuné na minha cabeça,/ Minha Bahia! Faz cafuné!/ Que bom que foi meu tio José! . Esse que de saudade se nutria e que - piolho de oiro - ele tem de catar em seus versos é o Tio disperso na emigração, perdido em sua identidade, ouro pulverizado. A recuperação/redenção da unidade perdida do Tio Josèzinho, amorosamente contemplado pelo sobrinho poeta, dá-se na obra de suas mãos, o poema, todo orgânico e uno, que reintegra. E o fazedor que é o poeta passa a ser conhecido por novo título: catador de piolhos de oiro. Sua obra insere-se na Redenção.

No **Romance do Mau-Olhado** este eu ainda sente não sou sino nesta festa/ Nem conta neste colar mas constata estar completamente enfeitiçado pela Bahia, que umas vezes é Mãe Preta, outras mãe-de-santo que faz mandingas. Na busca de reconhecer-se idêntico, o eu-lírico olha-se ao espelho - e é cacau/ O rosto que inclino às águas/ Feitas saudades de vidro. Já houve uma metamorfose neste seu encontro com a Bahia: de branco o rosto passa a *cacau* assinalando um processo de assimilação que já se iniciou. As águas em que se espelha são saudades transparentes, deixando ver os incícios, as raízes de um relacionamento de povos. Neste mergulho às origens insere-se a evocação e invocação de Botelho de Oliveira bem como a manifestação de intenções desse rosto *cacau* que se espelha nas águas feitas saudades de vidro: compor Nova **Ilha de Maré**. A invocação às *Tágides* deu lugar à invocação de Botelho de Oliveira feito uma espécie de gênio das águas.

A Nova **Ilha de Maré** que propõe será composta de anjos barrocos e da miscelânea das raças e tipos aqui coexistentes que, como disse alguém, são o fruto das combinações que o amor humano soube inventar. Contudo, seu *paletó de gringo* faz com que sinta, apesar do feitiço, um incômodo distanciamento : Estou triste, não sei que tenho.../ Estranhei, tudo me apouca: Tenho a Bahia no sangue, Sabe-me a torres a boca!

Esta iniciação Bahia/Brasil a que o poeta português, Aereamente transportado,/Realmente aéreo, por uma vez! se submete, prossegue no **Romance de Água de Mininos** quando já vemos suas mudanças de hábitos : Bebi meu leite de côco,/ Comi o mamão gostoso,/ Cheirei a pele moreninha;/ Às riscas sangue-de-boi/ Vesti a camisolinha. Há um patente progresso no retirar o paletó de gringo e no vestir a camisolinha às riscas.. Os revezes ainda se apresentam mas o balanço final é muito favorável àquele que fez os possíveis do gringo/ Para ser bem brasileiro, pois o romance se fecha com a quintilha: Foi em Água de Mininos, Na Bahia, à flor do mar,/ Que o português percebeu/ Que isto de ser brasileiro/ É questão de começar. O encontro do eu-

lítico com a Bahia vai conhecer agora um avanço decisivo. Em suas andanças pelo Recôncavo, aquele que tenciona escrever e está escrevendo **Nova Ilha de Maré** vai encontrar-se de chofre com o sagrado vivido pelos negros no ritual do candomblé. É no **Romance de Xangô** que a raça negra irrompe, no conjunto dos 10 poemas, de maneira apoteótica. Este ponto alto está precisamente no meio do Romanceiro sugerindo outra semelhança estrutural com o Canto V do poeta do Adamastor.

É em **Matatu Pequeno**, no casto terreiro onde Anísia, Iahorixá da Bahia, exerce suas funções de sacerdotisa e guia espiritual. O ex-gringo que já começou a ser brasileiro, recria, sentindo um agbé nas veias, o turbilhão do ritmo e das imagens acústicas, olfativas, visuais, cinéticas e tácteis que, literalmente o possuem. É uma sinestesia total. É a alma negra revelando-se-lhe de chofre e por completo. Tomado pela dança a que assiste, envolvido não apenas sensorialmente mas também espiritualmente pelo sentido religioso que, daquele modo está sendo expressado, o olhar do poeta não perde um só detalhe e, o que é mais, capta-lhe seu sentido mais profundo. O homem branco que já vira seu rosto *cacau*, agora, na noite de oiro, sabe seu rosto negro de fumo tornado.

Dàzinha(...) / Branca e vermelha, chegou. Pela roupa com que vem vestida? Reminiscências da Senhor branca e vermelha dos cantares medievais? Cores de Xangô ? Tudo isso junto? Dàzinha, com os pés em leque/ E as aspas das mãos nas ancas, Como grávida de um deus,/ Tenebrosa, começou. Ela é a figura central da dança/culto. As imagens únicas, grotescas, exatas, poderosas, se sucedem. Ela é anjo de azeviche/ Que salta de canguru; joga a Cabra-Cega;/ Dança - e parece voar! Parece galo nagô e porque dança esvoaçando/ Como ave de trilha pobre esse olhar a vê avestruz de Nigéria/ Nos braceletes de cobre./ Ao seu calcanhar de pau/ O chão do terreiro é oco. Magnífica metáfora para significar a força do calcanhar, a batida no terreiro, sendo que, muito provavelmente é o rum, rúmpi dos atabaques que o tornam oco. Duas vezes se fala desse chão batido que ressoa.

A iniciada no Pègi de Anísia, em cujas mãos deixou a sua lã de ovelhinha, totalmente possuída pelas fúrias de Xangô dançadas, dá tudo quanto tem: Pavlova, com véus e dedos,/ Mais fundo não dançaria. O descendente do branco que, para cá trouxe esse outro emigrado à força que foi o negro, rende-se completamente à sua religiosidade pura e, ao mesmo tempo, sensual, tão próxima à terra e aos ritmos da natureza. No confronto com as grandes dançarinas brancas, Dàzinha ganha pelo seu furor dionisíaco. E aquele olhar de homem branco simpatiza totalmente com o que vê, apaixonou-se pelo negro e compreende a pureza do rito final da nutrida de lume que o vem abraçar. Não é coisa do outro mundo/ Nem convite ao mestiçar, explica. Duas vezes seu pescoço/ Toca o meu, pra mo sagrar. Esse negro emigrante involuntário tornou-se o grande tesouro da Bahia. É ele que está no

centro do Romancero de Nemésio, como está no centro da cultura brasileira. Daí a advertência final:

Oiçam agora! Não levem/ Mais brancos ao candomblé! Fechem a barra à Bahia,/ Ponham Lévy-Bruhl no Index,/ Queimem o Museu do Homem, / Esqueçam tudo: Pavlova/ De pernas coreografadas,/ Hermes, a Antropologia,/ A Psicanálise, Frobenius,/ Gobineau, a Etnografia,/ As religiões comparadas.../ Mas, pelo amor de Deus, não levem/ Mais brancos ao candomblé!

Para poupar o branco? Certamente não! Para tentar deixar intocada aquela riqueza de sagrado que o olhar racionalista e positivista da ciência, orgulho do branco, esquadrinha, etiqueta, classifica, interpreta, julga e quer modificar sem entender. O **Romance de Xangô** é uma revelação ao olhar estésico desse português que acaba prestando tributo ao negro e, dessa forma, querendo resgatar o mal da escravidão: Dâzinha, Xangô virada,/ Sendo negra, o Fogo é!. De novo o poeta, com sua obra, tem parte na Redenção.

Na mesma linha de descoberta, compreensão e amor ao negro está o **Romance do Xaréu**, vizinho mais próximo ao de Xangô. É aí que aparece a comovente personagem de Juca Três-Dedo, andando a pescar o peixe que não havia Na rede azul do golfo,/ Ao largo de mãe Bahia. Sua fé virginal e absoluta consegue de *Odoia* uma pesca milagrosa, através de seu canto de súplica e da fogueira de sua dança/prece de toda uma noite, num saveiro engolfado nesse mar cuja Maré de prata cegava,/ Mas lua não sei se havia. O Romance, em pinceladas metonímicas recria o contexto familiar e social desse negro safado,/ (...) desse caipora de negrada,(...) cuja (...) mãe em terra chora,/ Minino no chão dormia. Essa dança/prece a *Odoia* que, segundo consta está sincretizada com Santa Bárbara, mas que no Romance aparece também mesclada a Iemanjá, opera uma metamorfose no pescador: E o mar de xaréus ardia./Juca virou Santo Antônio/De painel de sacristia; Enche o saveiro de peixe/ Como nunca na Bahia.

Juca/Santo Antônio, já na praia, agora aparece doirado e, o epílogo do romance mostra o faminto povo que vem chegando na rampa,/ Cheia de cesta vazia, numa simples e oportuna antítese. Os versos finais constituem outro reproche ao branco agora metaforizado no povo de Maria,/ Que chama “negro safado!”/ Ao pescador da Bahia. Não é desprezo por Maria que o eu-poético manifesta mas censura **ao povo** de Maria que despreza o negro safado. Esse povo se esquece ou não sabe que Maria significa Estrela do Mar e que o Juca Três-Dedo, em simplicidade e em espírito de fé, a sua, também por tradição dos seus recebida, está invocando a proteção da Mãe celeste que, sob esses nomes aprendeu a cultuar.

Já o **Romance do Desterro** mostra as vicissitudes amorosas de um eu que vê seu amor trovadoresco/Verde-amarelo tornado!. É a fusão completa da cultura

européia com nosso caráter nacional brasileiro. Novo sincretismo com o que já era sincrético. Ao considerar esses hipotéticos amores brasileiros que esse eu-lírico poderia viver ou ter vivido com a que se meteu a freira no Desterro da Bahia, ou com a crioula roliça que vende sapatos de fogo, numa óbvia alusão à sua dança, resta-lhe concluir entre melancólico e divertido: Só a minha vida é coxa,/ Do peso de meu passado./ Pedi uma trança loira/ Para o eruemim de oiá,/ Epa ei!/ A loira pôs-me negrinho, Só negra me sarará, / Ai, sarará! Como pretender imagem mais bela e graciosa da miscigenação que a da mulatinha sarará, que funde o negro com o loiro e e ainda faz trocadilho com a cor e a saúde?

Nova Bárbara Escrava bem que merecia um confronto exaustivo com as **Endechas** camonianas! A Pretidão de Amor que é a Bárbara do poeta clássico assim aparece no açoriano que canta a Bahia: Barborinha é uma crioula/ (Mulatinha era de mais):/ As cores, à parte, são várias:/ Unidinhas, são iguais. Do mesmo modo que o eu-lírico de Camões se sente cativo daquela cativa, o eu-lírico de Nemésio confessa: Vem servir-me cor-de-rosa,/ Parda me serve xinxim/ (Pérfido, atraso o jantar/ Fitando-a dentro de mim). Suas mãos feitas de penas fogem as aves que há na Bahia!. Numa palavra: nem a Bárbara Escrava nem a Barborinha crioula ficam nada a dever às Vênus de Milo da cultura ocidental.

O Canto final, nono romance intitulado Toda a Noite a Boîte, à semelhança do No mais, Musa, no mais camoniano (Canto X, 155) constitui uma conclusão de certa forma destemperada e enrouquecida. Parafraseando o vate lusíada, não do canto, que esse não é o que desalenta, mas de ver que Toda a noite a boîte/ Atordoa a Barra.../ Toda a noite o swing! e, mais além, Toda a noite a boîte/ Canta o Coca-Cola./ Toda, toda a noite! O olhar amoroso do açoriano lamenta a nova colonização que nos vem de um *Tio Sam* de mau gosto, todo ele também mergulhado no gosto da cobiça ... Daí o Brasil saudoso./ Sumo de abacate, ser um Brasil que se está deixando porque se vai partir de volta à pátria e ser também um Brasil que está deixando de ser o que era, que masca *chiclets* toda a noite na boîte.

Na despedida, mais uma evocação : Mãe preta! senta-te ao pé/ Do teu menino do Reino./ Que te traz contas do Congo!/ Cata-me, faz-me café/ Eu não quero coca-cola!/ Eu não quero coca-cola! O descendente do nosso primeiro colonizador acolhe-se à Mãe preta reconhecendo-se seu menino do Reino, apesar de tudo amado. Rende-se o portuga ao amor maternal do negro, pede-lhe consolo e carinho. Ao mendigar o cafuné e o café, repudia com veemência a *coca-cola*, mesmo sabendo nostálgico que essa é uma batalha perdida. Daí os versos que fecham seu cancionero: (E no som que me desola/ A própria vida prolongo).// Toda a noite a boîte.

Épica e lírica da emigração voluntária e involuntária, é o Romanceiro de Nemésio. Seu olhar contempla amorosamente o que disso resultou e seu balanço quanto ao Brasil índio, português e negro é deslumbrado, apesar de consciente das perdas e danos, dos gastos e custos, das dores vividas por todas as partes: é a lágrima redonda da Avó, onde cabem ela, o filho Josêzinho, a

ilha toda com os dramas parecidos de todas as mães de marçanos e galeguitos que se pulverizaram em piolhos de oiro e é o choro do que canta: Quando venho de Aruanda, Eu venho só: Eu deixei lá pai, Eu deixei lá vó. O curioso é que o emigrante involuntário é o que acolhe o voluntário, é o que para ele é Mãe preta a quem se roga o consolo e o carinho.

Ah! se fosse possível fechar a barra à Bahia ...